

BC baixa juro em 0,25 ponto e decepciona

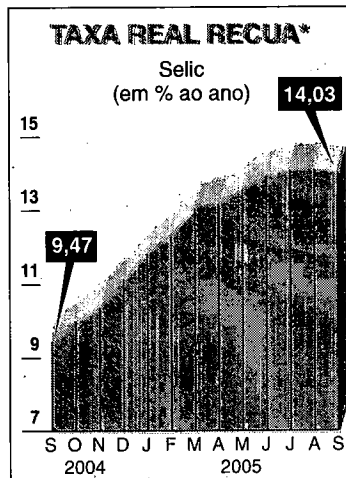
GAZETA MERCANTIL
ECONOMIA - BRASIL

Empresários esperavam corte maior; mas o início de um novo ciclo "é bem-vindo"

ALESSANDRA BELLOTTO E LÉA DE LUCA
SÃO PAULO

Após um ano do início do ciclo de aperto monetário, o Comitê de Política Monetária (Copom) decidiu pelo corte de 0,25 ponto na taxa Selic, baixando-a a 19,50% ao ano. A decisão ratificou a aposta majoritária do mercado financeiro, embora grandes instituições — como Bradesco, Unibanco e HSBC — esperassem queda maior (0,50 ponto). “O BC sempre deixou claro que seria cauteloso”, disse o economista-chefe do Pátria de Negócios, Luís Fernando Lopes.

Foram necessárias nove altas consecutivas e três meses de manutenção para que o BC, amparado pela convergência da



Fontes: Banco Central e Centro de Informações da Gazeta Mercantil * Deflator: IPCA

inflação para as metas de 2005 e 2006, se sentisse confortável para iniciar a flexibilização da política monetária. Com a projeção do IPCA para os próximos 12 meses, o juro real caiu para 14,03% — ainda assim, o mais alto do mundo.

Empresários do setor produtivo esperavam corte maior. O presidente da Fiesp, Paulo Skaf, afirmou que o BC demorou demais para se render às evidên-

cias e dar início à trajetória de queda da taxa, que “deve ser consistente e em velocidade mais rápida”. A redução é “inexpressiva diante da realidade da economia”, mas de qualquer forma “é bem-vinda” e poderá contribuir para estimular o nível de atividade — “antes tarde do que nunca”, acrescentou Skaf, que participou ontem do evento de entrega do Prêmio **Balanco Anual**, da Gazeta Mercantil.

O empresário Boris Tabacof, diretor do Ciesp, fez análise semelhante. “A tão desejada queda da Selic chegou com largo atraso e é insuficiente para o que se deseja em termos de expansão econômica”, disse Tabacof. “Ao menos representa o início, assim esperamos, de um ciclo de reduções sucessivas da taxa de juros.” Também participando do evento, Luiz Otávio Assis Henriques, diretor da Elektro, afirmou que o corte de 0,25% é “pouco e não faz muita diferença. Poderíamos baixar mais e crescer mais”.